

Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais

Cristina Maria de Souza Brito Dias
Flávia Fernanda Araújo da Hora
Ana Gabriela de Souza Aguiar
Universidade Católica de Pernambuco

Resumo: As últimas três décadas caracterizaram-se por transformações nos arranjos familiares, as quais influenciaram as relações entre avós, pais e netos nas situações de cuidado e educação das crianças. Nesses lares multigeracionais, podem ser apontados benefícios e dificuldades. O presente estudo teve como objetivo investigar como os jovens criados por avós e pais percebem e vivenciam tal situação, bem como o relacionamento estabelecido entre eles. Obteve-se uma amostra de 43 netas e 35 netos, com média de idade de 16 anos e tempo de convivência com avós e pais de 15 anos. Utilizou-se um questionário com 13 questões de múltipla escolha e uma questão aberta. Pode-se concluir que: a) o comportamento dos cuidadores e a disponibilidade de tempo são aspectos diferenciais entre pais e avós; b) os netos investigados apresentaram uma concepção bastante favorável dos seus cuidadores e da educação dada por eles, relatando sentimento de felicidade acerca dessa experiência.

Palavras-chave: avós; pais; netos; criação; relações familiares.

YOUNG PEOPLE RAISED BY GRANDPARENTS AND PARENTS OR SINGLE PARENTS

Abstract: The last three decades were characterized by changes in family structures, which influenced the relationship between grandparents, parents and grandchildren in situations of care. In these multigenerational homes, can be pointed out benefits and difficulties. This study aimed to investigate how young people raised by grandparents and parents perceive and experience of the situation and the relationship established between them. We obtained a sample of 43 granddaughters and 35 grandsons, with average of 16 years old and 15 years living in this situation. We used a questionnaire with 13 multiple choice questions and an open question. It can be concluded that: a) the behavior of caregivers and the availability of time are the distinguishing features between parents and grandparents, b) the grandchildren investigated presented a favorable concept about their caregivers and education given by them, describing the feeling of happiness upon this experience.

Keywords: grandparents; parents; grandchildren; creation; family relationship.

JÓVENES CRIADOS POR ABUELOS Y POR UNO O AMBOS LOS PADRES

Resumen: Los últimos treinta años fueron caracterizados por modificaciones en la estructura familiar, las cuales influyeron en las relaciones entre abuelos, padres y nietos en las situaciones de cuidado y educación de los niños. En estos hogares multigeracionales, pueden ser apuntados beneficios y dificultades. Este estudio tuvo como objetivo investigar cómo los jóvenes criados por sus abuelos y los padres perciben y la experiencia de la situación y la relación que se establece entre ellos. Se obtuvo una muestra de 43 nietas y 35 nietos, con edad promedio de 16 años y tiempo de convivencia con los abuelos y padres de 15 años. Se utilizó un cuestionario con 13 cuestiones de elección múltiple y una cuestión discursiva. Se puede concluir que: a) el comportamiento de los cuidadores y disponibilidad de tiempo son aspectos diferenciales entre padres y abuelos; b) los nietos investigados presentaron una concepción mucho favorable de sus cuidadores y de la educación ofrecida por ellos, narrando un sentimiento de felicidad acerca de esta experiencia.

Palabras clave: abuelos; padres; nietos; creación; relaciones familiares.

Introdução

O aumento da longevidade humana provocou modificações nas estruturas familiares, especialmente no que diz respeito ao envolvimento e à participação dos avós na vida familiar (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005). Com certa frequência, entramos em contato com histórias de avós que cuidam de seus netos, contando com a presença de um ou ambos os pais. Essa configuração tem recebido várias denominações, tais como: coresidência, coabitação (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003), família multigeracional (KEMP, 2007) e família de três gerações (GOODMAN, 2007).

Na última década, aumentou o número de netos e bisnetos criados por avós e bisavós. O número foi de um milhão e setecentos mil, o que significa 55,1% a mais do que foi apurado em 1991, correspondente a um milhão e cem mil. Diante do expressivo crescimento de tal arranjo familiar em nossa sociedade, questionamo-nos: como se estabelecem as relações nessa nova configuração familiar? De que forma tal situação é apreendida pelos jovens?

O objetivo do presente estudo, portanto, foi investigar como os netos criados pelos avós e por um ou ambos os pais percebem e vivenciam essa situação, bem como o relacionamento estabelecido entre eles. Procuramos ainda identificar os motivos que levaram os jovens a serem criados em lares multigeracionais, compreender os sentimentos experimentados por eles, apontar os aspectos positivos e negativos de ser criado por avós e por um ou ambos os pais, detectar as necessidades e as dificuldades presentes durante a criação, e analisar como ficou a relação com os demais familiares.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com informações sobre as famílias coresidentes e subsidiar os trabalhos de profissionais que lidam com jovens, idosos e famílias, visto que, na literatura brasileira, pouco pode ser encontrado acerca do assunto em questão.

A imagem dos avós atuais não está mais restrita a pessoas que descansam na cadeira de balanço, mas, muitas vezes, trata-se de pessoas ainda ativas profissionalmente e que acompanham seus filhos e netos até a idade adulta (FRUTUOSO, 2005). Dias, Costa e Rangel (2005, p. 159) pontuam que “a maior expectativa de vida do ser humano tornou possível a convivência entre avós e netos por um longo período, o que não ocorria há algumas décadas atrás. Existe, inclusive, a possibilidade da convivência com a quarta geração, a dos bisavós”.

Essa maior proximidade pode exercer uma influência positiva ou negativa na vida dos netos. A primeira é marcada pela maneira como os avós são utilizados: como uma defesa contra sentimentos dirigidos aos pais; como colaboradores na diminuição da ansiedade infantil; pela forma como ajudam os netos a entender melhor os pais, bem como pela participação em vários aspectos da vida dos netos, como o social, o cognitivo, o emocional e o moral. Já a influência negativa está relacionada com o excesso de mimos, que acabam por “estragar” os netos, e as interferências e críticas à criação dada pelos pais (DIAS, 2008).

De maneira geral, para os avós, os netos são objeto de um amor incomensurável e fonte de renovação de si mesmos e da família. O vínculo estabelecido com eles é algo

bastante particular, pois muitos avós tendem a idealizá-los. A idealização e o investimento nos netos servem como uma defesa contra as aflições da idade avançada e da morte inevitável, assim como representam uma chance mágica de reparar sua própria vida por meio da imortalidade genética (COLARUSSO, 1997 apud KIPPER; LOPES, 2006).

Pessoa (2005) observa que o papel dos avós se caracteriza pela gratuidade de atenção, amor e carinho, embora a responsabilidade da criação seja dos pais. Havendo respeito mútuo entre avós e pais, não haverá prejuízos à autoridade paterna e ao desenvolvimento dos netos. Dessa forma, os avós podem se permitir, eventualmente, conceder um capricho ou mimo ao neto e refrescar o dia a dia imposto pelos pais.

Independentemente do papel positivo ou negativo exercido pelos avós, sua presença é fundamental na vida de seus netos. De acordo com Lopes, Neri e Park (2005), as relações entre idosos e crianças estabelecem-se num espaço em que ambos são privilegiados por trocas intensas. Aqueles terminam identificando-se e se aproximando, pois, não sendo ouvidos pelos adultos jovens, acabam por estabelecer entre si um diálogo, na maioria das vezes, prazeroso.

Em consulta ao *site* Serasa (2006), verificamos que, segundo o censo de 2000, uma grande parcela de idosos é chefe de família, e 54,5% destes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004), vivem com os seus filhos e os sustentam. Em tais organizações, a renda média é superior àquelas chefiadas por adultos não idosos. Segundo os dados coletados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004), 466 mil avós e bisavós cuidavam diretamente das crianças, dividindo, na maioria das vezes, não apenas a criação dos netos, mas também seus lares e a renda financeira.

Pesquisas americanas apontam que o que origina a coresidência é o fato de a(o) filha(o) adolescente ou adulta(o) já viver com os pais, ter um filho e continuar morando com eles, ou então a(o) filha(o) que descasa e volta para a casa dos pais com seu(s) próprio(s) filhos(s) (PEBLEY; RUDKIN, 1999). Além disso, os suicídios, o envolvimento com drogas, os acidentes, as doenças, a negligência e o abandono por parte de um ou ambos os pais também propiciam que os netos sejam cuidados pelos avós. Na maior parte das vezes, é a filha que continua residindo com os pais (CAPUTO, 1999).

Em nosso país, esse tipo de organização parece estar relacionado, principalmente, ao fato de a família desejar melhores condições de vida, oferecendo benefícios para idosos e filhos, embora existam elementos que indiquem que as gerações mais novas são as mais beneficiadas por esse arranjo familiar (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Dessa forma, estabelece-se uma cooperação entre os membros, os quais enfrentam juntos as dificuldades causadas por problemas familiares ocorridos com mais frequência, tais como: gravidez na adolescência, divórcios e separações, necessidade de profissionalização, desemprego e baixos salários dos pais (PEIXOTO; LUZ, 2007).

Baroto, Vieira e Maia (2007) apontam que a coresidência não representa apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também significa uma troca intergeracional marcada por apoio mútuo, segurança e amparo nos momentos de crise para filhos e netos, e de cuidado para os avós em processo de envelhecimento. No entanto, a coresidência entre netos, pais e avós pode resultar em alguns conflitos. A grande diferença de idade pode

tornar-se um obstáculo para a boa comunicação e interação entre as crianças e seus cuidadores. Além disso, a convivência diária pode trazer perda de privacidade e aumento dos gastos. Há ainda a probabilidade de existirem dúvidas relacionadas a quem pertence a autoridade na casa, o que pode ocasionar discordância entre as duas gerações mais velhas, confusão e enfrentamentos aos cuidadores por parte dos netos.

Peixoto e Luz (2007) complementam o que foi dito ao afirmarem que os relacionamentos familiares não são regidos somente pela harmonia da troca, dado que os conflitos derivados das relações de poder entre as gerações podem se instalar, uma vez que toda família é atravessada por sentimentos contraditórios. Entretanto, o arranjo em questão pode render benefícios, tais como: compartilhamento de renda, cuidados domésticos das crianças, facilidade no transporte, apoio em relação à saúde, solidariedade e segurança para aqueles que não possuem recursos para administrar sua família ou velhice.

É importante mencionar ainda, conforme Sommerhalder e Nogueira (2000), que a coresidência pode ser um meio eficaz para aliviar preconceitos, amenizar possíveis tensões entre as gerações, proporcionar consciência histórica de passado, presente e futuro, e, principalmente, compartilhar a diversidade cultural de valores e estilos de vida. Camarano (2004) afirma que essa configuração tem resultado também no aumento da taxa de escolarização de filhos e netos e na redução do trabalho infantil.

Em matéria publicada na revista *Veja*, Nunes (2002) afirma que os avós que residem com os netos e um ou ambos os filhos precisam assumir a atribuição de coeducadores, porém não devem esperar uma transferência da autoridade paterna e materna. Nesse arranjo familiar, pode haver uma confusão de papéis, pelo fato de as gerações mais velhas não saberem exatamente qual o seu lugar na criação das crianças e dos adolescentes. Existe a possibilidade de os avós, ao assumirem uma postura permissiva, não impondo cobranças ou empecilhos à vida dos netos, serem culpados, pelos pais dos jovens, pelos erros que estes cometem. No entanto, a situação pode se inverter e os avós ocuparem o lugar de educadores rígidos, impondo a autoridade que os pais não conseguem transmitir. Logo, as divergências que podem ocorrer num lar multigeracional são evidentes.

É preciso que os pais tenham consciência de que a responsabilidade acerca da educação e formação dos filhos recai sobre eles e não pode ser delegada a terceiros, nem mesmo aos seus próprios pais. Os avós que estão convivendo com os netos devem apoiar a tarefa de educar, mas não permitir que essa obrigação lhes seja repassada (PESSOA, 2005).

Segundo Otero e Altarejos (2007), a principal condição para que exista uma boa convivência nas famílias coresidentes é o respeito. Por parte dos filhos casados, deve prevalecer o respeito pela casa e pelos costumes dos seus pais, e, por parte dos avós, o respeito à nova família e ao modo de criação que é adotado com os netos. Agindo assim, haverá mais acertos do que erros e as gerações terão mais possibilidade de conviver em harmonia.

Mesmo com a possibilidade de surgirem os conflitos, o amor e a atenção oferecidos pelos avós são de fundamental importância para a formação da criança e do adolescente, que se sentem mais protegidos por terem outro vínculo seguro além do fornecido pelos pais. Os ensinamentos transmitidos por meio de conversas, orações, histórias do

passado, experiências e brincadeiras oferecem aos jovens elementos necessários para a vida em sociedade e os preparam para a fase adulta. “Apesar de não serem os agentes diretos, os avós atuam na garantia de que tudo esteja em ordem na vida escolar e familiar dos netos” (BAROTO; VIEIRA; MAIA, 2007, p. 12).

Em uma pesquisa realizada por Dias, Aguiar e Hora (2009), com jovens criados apenas pelos avós, foram identificadas vantagens, dificuldades e necessidades nos lares em que os avós desempenham o papel de pais para seus netos na ausência (permanente ou de longo prazo) dos genitores. Já no que se refere à situação de coresidência, ainda pouco se sabe sobre as repercussões que tal condição acarreta na vida e nas relações estabelecidas entre avós, pais e netos. É com a finalidade de responder a essas questões que apresentamos o atual estudo.

Método

Amostragem

Participaram da pesquisa quarenta e três jovens do sexo feminino e trinta e cinco do sexo masculino. A idade dos participantes variou entre 11 e 24 anos, sendo a média de idade de 16 anos, e todos eram solteiros. Entre as netas, nove jovens estavam cursando o ensino fundamental; trinta e três, o ensino médio; e um, o ensino superior. No que se refere aos participantes do sexo masculino, vinte e dois cursavam o ensino fundamental; oito possuíam o ensino médio completo; e cinco, o ensino superior. Com relação à renda, vinte e dois participantes possuíam renda familiar entre um e três salários mínimos; vinte e dois tinham renda de quatro a seis salários mínimos; dezoito possuíam renda entre sete e dez salários; dezesseis possuíam renda acima de dez salários mínimos. A média de tempo em que permaneceram vivendo com os avós, juntamente com um ou ambos os pais, foi de quinze anos, tendo 83% residido com os avós maternos. Percebeu-se ainda que quarenta e um participantes moravam, por ocasião da coresidência, com os avós e ambos os pais, enquanto trinta e quatro jovens residiram com os avós e com a mãe, e apenas três moraram com os avós e com a figura paterna.

Técnicas de coleta de dados

Primeiramente, foi utilizado um roteiro de entrevista, aplicado de forma semidirigida, com quatorze netos. Em seguida, as respostas dos participantes foram analisadas de acordo com o seu conteúdo e, posteriormente, categorizadas, possibilitando a elaboração de um questionário de pesquisa composto por treze questões de múltipla escolha e uma questão aberta, enfocando as seguintes dimensões: 1. motivos que levaram os netos a serem criados pelos avós, juntamente com um ou ambos os pais; 2. iniciativa de morar junto com os avós; 3. opinião sobre o mito de que os avós mimam em excesso; 4. características da criação dada pelos pais; 5. figuras mais decisivas; 6. avaliação do relacionamento com os pais; 7. avaliação do relacionamento com os demais avós; 8. avaliação do relacionamento com os demais familiares; 9. avaliação da criação dada pelos avós; 10. avaliação do relacionamento dos avós com os outros netos; 11. aspectos negativos da criação; 12. sentimentos experimentados por ter sido criado(a) pelos avós e por um ou

ambos os pais; 13. diferenças entre a criação dos pais e dos avós; 14. aspectos positivos na criação, que foi uma questão aberta. Abaixo de cada item, foi reservado um espaço, denominado “outra opção”, para que o participante escrevesse livremente sobre o assunto, sempre que achasse necessário. O final do questionário foi composto por questões referentes aos dados sociodemográficos sobre os netos.

Procedimentos de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade onde se desenvolveu o estudo, sob o número CEP-008/2006. Os participantes da pesquisa foram selecionados de forma não probabilística e, inicialmente, ocorreu a abordagem de forma intencional em universidades e escolas. Nessas instituições, após a autorização da direção, os professores eram informados acerca dos objetivos da pesquisa, auxiliando, então, no processo de identificação dos sujeitos que pertenciam à categoria desejada. Após essa etapa inicial de coleta de dados, os primeiros participantes indicavam conhecidos em situação semelhante, configurando, assim, a amostragem tipo bola de neve.

Os participantes responderam ao questionário individualmente, após a apresentação dos objetivos do estudo, sendo-lhes facultada a colaboração. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e, no caso dos menores de idade, os responsáveis também precisavam concordar com a realização da pesquisa.

Procedimentos de análise de dados

Primeiramente, realizaram-se a transcrição e a análise de conteúdo das entrevistas para a elaboração do questionário (MINAYO, 2004). Em seguida, os dados obtidos por meio do questionário foram submetidos a uma análise estatística, que compreendeu as frequências e os percentuais.

Discussão dos resultados

Os resultados apresentados a seguir são referentes a cada dimensão pesquisada, obedecendo à sequência dos itens do questionário. Serão consideradas apenas as respostas que obtiveram maior frequência, além da categoria “outra opção”. Em virtude da escassez de bibliografia sobre o assunto, os resultados serão, sempre que possível, relacionados com a bibliografia consultada.

Em relação aos *motivos que levaram os avós a criarem os seus netos, juntamente com um ou ambos os pais*, o item que prevaleceu quando as netas foram questionadas foi: “Trabalho/viagem de um dos pais” (31%). Para 25% dos netos, a resposta majoritária foi: “Dificuldades financeiras por parte dos pais ou avós”. Na categoria “outra opção”, doze netas apontaram ainda como as causas para tal mudança: “Doença de um dos avós” (n = 7); “Mudança de cidade” (n = 1); “Opção dos meus pais e avós” (n = 2); “Meu avô faleceu, e, para minha avó não morar só, nos mudamos para a sua casa” (n = 2).

Essas informações confirmam os dados encontrados em pesquisa realizada por Dias e Silva (1999), de que, além de participarem do cotidiano da vida dos filhos, os avós são especialmente mobilizados nas ocasiões de crise vividas pela família, como é o caso de

separação conjugal, doença e problemas financeiros. Dias e Araújo (2002) ressaltam que os últimos desempenham um papel relevante para a família nos momentos de dificuldade, fornecendo assistência tangível (apoio instrumental) e intangível (suporte emocional).

Quanto à *iniciativa de morar junto com os avós*, a maior parte das netas afirmou que foi “Por parte dos meus pais” (59%). A mesma resposta se destacou entre os netos, totalizando 44%. Esses dados nos remetem à afirmação de Camarano e El Ghaouri (2003), de que, por causa de problemas econômicos, os filhos vivem cada vez mais tempo com os pais, e muitos não deixam de morar com eles, mesmo após constituir família, pois há a dificuldade de aquisição da casa própria.

Quando indagada em relação à *opinião sobre o mito de que os avós mimam em excesso*, uma terça parte das netas respondeu que: “Não, porque, apesar de serem carinhosos, também punem quando necessário” e “Sim, a criação foi/é maravilhosa, compreensiva, amorosa”, ambas com 33%. A primeira alternativa foi apontada também por 33% dos netos. Isso confirma a ideia de que os avós, ao conviverem com os seus netos, passam a desempenhar, em algumas situações, também a função de pais, precisando, por esse motivo, adaptar-se aos objetivos educativos destes. Em razão disso, devem evitar fazer algo que venha a deteriorar a imagem dos pais, caso ajam de forma incorreta com os seus filhos, ou seja, o que se pode e se deve fazer é dialogar com os pais para que modifiquem as suas atitudes.

No que diz respeito às *características da criação dada pelos pais*, os resultados mais relevantes para as netas foram os seguintes: “Os pais se preocupam mais com a disciplina” e “Os pais são mais estressados e exigentes”, ambos com 27%. Esta última opção foi a majoritária entre os netos, equivalendo a 30%. Na categoria “outra opção”, as netas apontaram: “Meus pais se dedicam inteiramente a mim e aos meus irmãos, o que favorece, sim, um clima de muito companheirismo” (n = 1); “A mesma criação que tive pelos avós, tive com os pais” (n = 1).

De maneira geral, a disponibilidade de tempo é um fator que diferencia pais e avós. Os primeiros, que estão, normalmente, no auge de suas atividades profissionais, têm menos disponibilidade de tempo do que os últimos. Porém, quando os netos são confiados aos avós durante períodos de tempo desproporcionais, é compreensível que aqueles acabem se confundindo a respeito de suas referências e a quem devem obedecer. Tal questão deve ser transmitida com muita clareza para os jovens e observada com maturidade pelos adultos envolvidos, a fim de que não haja perdas e sofrimento para nenhum dos envolvidos.

Foram destacados como *figuras mais decisivas na criação* para as netas: “Os pais e os avós, um completava o outro” (49%). Entre os netos, a resposta que mais prevaleceu foi: “A mãe, porque estava mais em casa” (28%). Como “outras opções”, foram citadas as seguintes respostas: “Minha mãe, porque ela é mais compreensiva” (n = 1); “Acho que minha mãe, não por ela estar mais em casa, e sim por conversar bastante comigo” (n = 2). Pode-se perceber que a mãe continua a ser figura de destaque junto aos filhos, embora os avós sejam também valorizados.

Tal questão, juntamente com o fato de que apenas três participantes viveram a situação de coresidência com os avós e o pai, confirma o que Staudt e Wagner (2008) afir-

mam: apesar de existir muitos homens desempenhando tarefas domésticas e cuidando dos filhos, historicamente, a tarefa de cuidar tem sido associada ao gênero feminino. Essa concepção termina por incidir em um processo de desresponsabilização paterna diante dos cuidados e envolvimento com os filhos. Isso pode interferir diretamente na percepção dos jovens acerca de uma das figuras mais decisivas em sua vida.

Sobre a *avaliação do relacionamento com os pais*, a resposta mais citada pelas netas (55%) e pelos netos (43%) foi: “Com ambos é excelente”. Esse resultado aponta que, apesar de estarem morando com os avós, a relação com os pais, de modo geral, não sofreu danos significativos, já que a maior parte dos entrevistados afirmou que a convivência com os genitores é muito boa.

Em relação à *avaliação do relacionamento estabelecido com os demais avós*, a alternativa mais citada pelas netas (61%) e pelos netos (39%) foi: “Há um bom relacionamento”. Pesquisas indicam que é mais comum o apego aos avós com quem convivem, embora a maioria das netas considere que não há diferença em relação aos outros. Existem, ainda, estudos que afirmam que são os avós maternos, na maioria das vezes, que oferecem apoio e abrigo aos netos nos momentos de dificuldade, dada a maior afinidade que existe entre mãe e filha (DIAS; SILVA, 1999).

No que tange à *avaliação do relacionamento estabelecido com os demais familiares*, netas (71%) e netos (57%) afirmaram que “O relacionamento é bom”. Tal resposta indica que o relacionamento com os demais membros da família também não apresenta conflitos que possam ser destacados. No entanto, foi observado que, em algumas situações, os primos sentem ciúmes, visto que os avós acabam, naturalmente, tendo maior proximidade, cuidado, carinho e liberdade com os netos que moram em sua casa, justamente por auxiliarem na sua criação (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005).

Acerca da *avaliação da criação dada pelos avós*, a resposta mais relevante entre as jovens foi: “Uma boa criação, como a que os pais dariam” (38%). Já 34% dos netos afirmaram que foi “Perfeita”, o que demonstra que ambos os sexos mostraram-se favoráveis à conduta dos avós em sua formação. Em nossa sociedade, os avós tendem a ser figuras privilegiadas no imaginário das pessoas. São, com algumas exceções, amados, admirados, respeitados e recordados com enorme carinho pelos netos.

Quanto à *avaliação do relacionamento entre os avós com os outros netos*, a opção “Não existe diferenciação entre os netos” apresentou o equivalente a 58% das respostas dadas pelas netas e 51% das respostas assinaladas pelos netos. Apesar desses resultados, há que se considerar que esse relacionamento depende de cada contexto familiar e de como a criação foi conduzida por eles. Em determinadas situações, alguns avós acabam protegendo o(a) jovem que criam por causa da falta que ele(a) sente dos pais, nos casos em que não há contato com os genitores. Então, para compensar tal ausência, os avós podem diferenciar esse neto dos demais.

Acerca dos *aspectos negativos na criação dos avós*, 43% das netas e 30% dos netos afirmaram que “Não houve aspectos negativos”, o que aponta para a experiência da convivência com os avós como sendo extremamente positiva. No entanto, vale salientar a afirmação de Otero e Altarejos (2007), no sentido de que os avós devem delimitar perfeitamente as fronteiras entre o mimo razoável – que deixará o neto feliz sem nenhuma

complicação – e o mimo nocivo. Os pais, por sua vez, podem reforçar os aspectos positivos da ação dos avós acerca da educação dos netos, ensinando-os a respeitá-los e amar.

Em relação aos *sentimentos experimentados por terem sido criados pelos avós e por um ou ambos os pais*, a principal alternativa apontada pelas netas (35%) foi: “Feliz por ter convivido com duas mães/dois pais”, mesma resposta dada por 34% dos netos. Isso confirma a ideia de que as relações construídas entre os jovens, pais e avós, de modo geral, são repletas de afeto e estima.

Sobre as *diferenças entre a criação dos pais e dos avós*, foi destacada, prioritariamente, a seguinte opção tanto pelas netas (29%) quanto pelos netos (26%): “Os avós são mais pacientes e tolerantes”. Essa afirmação também foi apontada pelos avós, em pesquisa anterior, realizada com 122 participantes de ambos os sexos (SILVA; DIAS, 1999).

A respeito da questão aberta que buscava identificar se havia ou não *aspectos positivos na criação*, 98% das netas e 100% dos netos declararam que sim. Desse modo, pode-se ressaltar que a presença dos avós e de um ou ambos os pais no cotidiano dos jovens é de fundamental importância e predominantemente benéfico. Acerca dessa questão, podemos observar algumas das afirmações realizadas pelos netos: “Tive uma boa educação e aprendi a respeitar os mais velhos” (n = 1); “Na minha educação moral e sentimentos raivosos, entre outros” (n = 1); “Uma boa relação com meus avós, uma boa educação e afeto” (n = 1); “Boa educação familiar e social, respeito à hierarquia, compreensão das dificuldades” (n=1); “A tradição que os meus avós passaram pra mim” (n = 1); “Com o convívio dos meus avós, eu aprendi a ser mais rigoroso com as minhas coisas” (n = 1). Esses resultados corroboram os encontrados em pesquisa anterior realizada com netos criados apenas pelos avós (DIAS; AGUIAR; HORA, 2009).

Considerações finais

Podemos concluir que os participantes do estudo em questão apresentaram uma concepção bastante favorável acerca da criação conjunta dada por pais e avós. Esse fato ficou evidente quando a maioria dos sujeitos afirmou que viveria a mesma experiência, caso pudesse optar entre a criação dos avós e a dos pais. Além disso, ficou claro que não apenas situações problemáticas podem levar os jovens a serem criados pelos seus avós, juntamente com um ou ambos os pais, mas também os laços de afeto estabelecidos entre eles. É importante mencionar que a relação estabelecida entre os netos e os avós, na situação pesquisada, é envolvida por carinho e respeito, e que a criação dos últimos é diferenciada da dos pais, pelo fato de aqueles apresentarem mais maturidade e experiência.

Observamos também que, apesar da coresidência, os netos colocaram sobre os pais a responsabilidade da criação, pois evidenciaram que eles são figuras mais estressadas e preocupadas com a disciplina. Logo, percebemos que a atuação dos avós se caracteriza por serem coeducadores dos jovens, não assumindo apenas para si a total responsabilidade de educá-los. Entretanto, uma grande parte dos entrevistados afirmou que os pais têm menos tempo para dedicar aos filhos, realidade cada vez mais presente na nossa sociedade. Nesses casos, os avós parecem suprir não apenas a ausência física dos genitores, mas também propiciam afeto e cuidado.

A pesquisa revelou ainda que houve um afastamento natural do pai que não convive com os filhos, pois, segundo os dados, geralmente é a mãe que continua residindo com eles após o divórcio ou o abandono. Por consequência, o convívio dos jovens com os avós paternos fica prejudicado. Vale ainda ressaltar que esse afastamento, muitas vezes, configura-se como uma total ausência de alguns pais na criação e na vida dos filhos, o que pode acarretar danos ao seu desenvolvimento.

Reconhecemos que os resultados foram bastante favoráveis, porém, como foi exposto, apresentamos apenas as respostas mais frequentes. De modo geral, podemos supor que o sentimento de lealdade e de gratidão pelo fato de os avós os acolherem nos momentos de dificuldade e a longa convivência com eles levaram os netos a uma boa adaptação a esse tipo de configuração familiar. Talvez, por esses motivos, não tenham exteriorizado os conflitos.

Esperamos que, com base neste estudo, novas investigações sejam realizadas acerca da relação entre avós, filhos e netos. Os arranjos familiares que entrelaçam tais gerações estão cada vez mais presentes na sociedade brasileira e precisam ser conhecidos para que sejam realizadas intervenções sociais e psicológicas pertinentes.

Referências

- BAROTO, I. G.; VIEIRA, L. C.; MAIA, I. O. **O que os avós ensinam aos netos?** A influência da relação intergeracional na educação formal e informal. 2007. Relatório de pesquisa—Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CAMARANO, A. A. Jovens e idosos nordestinos: exemplo de trocas intergeracionais? **Texto para Discussão**, Instituto de Pesquisas Econômicas, Rio de Janeiro: n. 1031, 2004.
- CAMARANO, A. A.; EL GHAOURI, S. K. Família com idosos: ninhos vazios? **Texto para Discussão**, Instituto de Pesquisas Econômicas, Rio de Janeiro, n. 950, 2003.
- CAPUTO, R. K. Grandmothers and coresident grandchildren. **Families in Society**, Hilwan-kee, v. 60, n. 4, p. 295-304, 1999.
- DIAS, C. M. S. B. Pais são para criar e avós para estragar: será? In: GOMES, I. C. (Org.). **Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 67-72.
- DIAS, C. M. S. B.; AGUIAR, A. G. S; HORA, F. F. A. Netos criados por avós: motivos e repercussões. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 41-58.
- DIAS, C. M. S. B.; ARAÚJO, M. R. G. L. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.
- DIAS, C. M. S. B.; COSTA, J. M.; RANGEL, V. A. Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 158-176.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 118-149.

FRUTUOSO, S. A era dos avós modernos. **Época**, São Paulo, n. 388, p. 32-35, out. 2005.

GOODMAN, C. C. Family dynamics in three generations grandfamilies. **Journal of Family Issues**, London, v. 28, p. 355-379, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Comunicação social: perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios**. 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

KEMP, C. L. Grandparent-grandchild ties: reflections on continuity and change across three generations. **Journal of Family Issues**, v. 28, p. 855-881, 2007.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 29-34, 2006.

LOPES, E. S. L.; NERI, A. L.; PARK, M. B. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 30-32, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NUNES, A. Liberal é a sua avó. **Veja**, São Paulo, 7 fev. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070201/p_106.html>. Acesso em: 6 jan. 2008.

OTERO, O. F.; ALTAREJOS, J. **Como educar os netos**. 2007. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo153.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2007.

PEBLEY, A.R.; RUDKIN, L.L. Grandparents caring grandchildren. What do we know? **Journal of Family Issues**, London, v. 5, n. 8, p. 1026-1049, 1999.

PEIXOTO, C. H.; LUZ, G. M. De uma morada à outra: processos de coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 jul. 2008.

PESSOA, A. **Os avós**. Portal da família, 2005. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo403.shtml>>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SERASA. **Guia do idoso**. Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/guiaidoso/18.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

SILVA, N. P.; DIAS, C. M. S. B. Avós e avós: percepção do papel. **Symposium**, ano 3, n. esp. Psicologia, p. 51-67, 1999.

SOMMERHALDER, C.; NOGUEIRA, E. J. As relações entre gerações. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 101-112.

STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 174-185, 2008.

Contato

Cristina Maria de Souza Brito Dias
Rua do Príncipe, 525
Boa Vista – Recife – PE
CEP 50050-900
e-mail: cristina_britodias@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em novembro de 2009
Aceito em maio de 2010